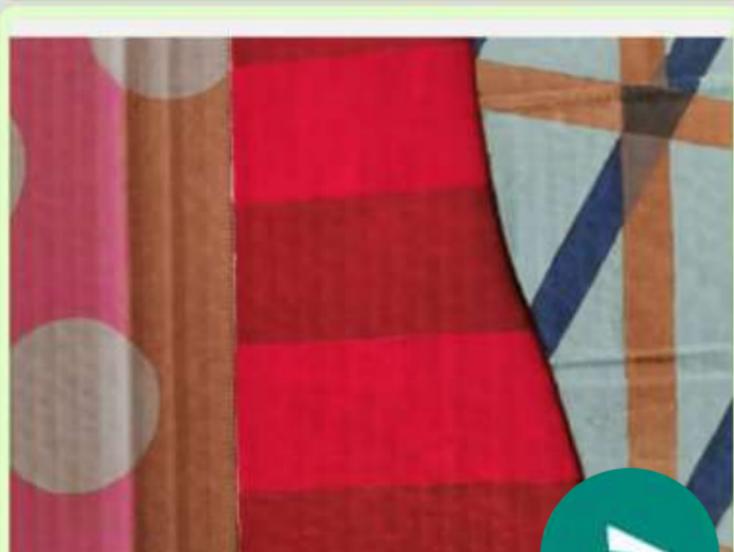




13:14 ✓✓



**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**PPGART**  
editora

**PPGART**  
editora

**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**PPGART**  
editora

**ALFREDO NICOLAIEWSKY**  
ORGANIZAÇÃO

**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**TEXTOS**

BLANCA BRITES  
EDUARDO VERAS  
ICLÉIA CATTANI  
JOANA BOSAK  
KÁTIA POZZER  
MARILICE CORONA  
MARIZE MALTA  
NARA AMÉLIA  
PAULA RAMOS  
PAULO GOMES  
TADEU CHIARELLI

SANTA MARIA  
2020

**PPGART**  
editora

© de Alfredo Nicolaiewsky

1ª edição: 2020

Organização: Alfredo Nicolaiewsky

Revisão de texto: Luana Nicolaiewsky

Fotografia: Alfredo Nicolaiewsky

Design gráfico: Sandro Ka

A892 Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena [recurso eletrônico] / Alfredo Nicolaiewsky, organização ; textos Blanca Brites, Eduardo Veras, Icléia Cattani, Joana Bosak, Kátia Pozzer, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia, Paula Ramos, Paulo Gomes, Tadeu Chiarelli ; [revisão de texto: Luana Nicolaiewsky ; design gráfico: Sandro Ka]. – 1. ed – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.  
1 e-book: il.

ISBN 978-65-88403-05-1

1. Pintura – Nicolaiewsky, Alfredo 2. Nicolaiewsky, Alfredo – Pintura 3. Diálogos – Isolamento social – Covid-19 I. Nicolaiewsky, Alfredo II. Brites, Blanca Luz II. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cattani, Icléia Maria Borsa V. Figueiredo, Joana Bosak de VI. Pozzer, Kátia Maria Paim VII. Corona, Marilice Villeroy VIII. Malta, Marize IX. Silva, Nara Amélia Melo da X. Ramos, Paula Viviane XI. Gomes, Paulo César Ribeiro XII. Chiarelli, Tadeu XIII. Nicolaiewsky, Luana XIV. Ka, Sandro  
CDU 75NICOLAIWSKY

869.0(81)-83

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990  
Biblioteca Central - UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS - Telefones: 3220-9484 e 3220-8427  
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com  
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

## **Algumas considerações sobre uma série em processo**

Paulo Gomes

Acompanho a trajetória de Alfredo Nicolaiewsky há muitas décadas, três, para ser bem exato. Nesses mais de trinta anos pude ver muitas séries surgirem, se desenvolverem, algumas serem abandonadas e outras serem difundidas. Um fluxo contínuo de produção, atendendo às demandas mais variadas: eventos, exposições, encomendas, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Na série atual, guardadas suas características programáticas devidas às contingências, ele retorna à pintura. E aqui vem o primeiro fato notável disso tudo. Ele não pintava há muitos anos. Fui revisar desde quando, e chegamos à conclusão que são mais de 20 anos, desde as obras da série *Mistura Fina* (entre 1995 e 1996), quando a pintura ainda tinha, ao lado dos desenhos e das apropriações de imagens, um espaço considerável. Isso não é relevante em si, visto que ele transita confortavelmente entre técnicas desde a década de 1980. O relevante é que eu fui testemunha de um fato notável: ele voltou a pintar como se nunca tivesse parado!

Temos o hábito de considerar que o exercício de uma atividade artística demanda prática continuada, como os músicos, por exemplo. Não imaginamos que um pianista, ou violinista, ou mesmo um cantor, simplesmente deixe de exercer sua atividade e retorne, 20 anos depois, com um alto nível de *performance*! Nas artes visuais, especialmente as plásticas, continuamente ensinamos aos alunos que só o exercício diário leva à excelência. Talvez seja uma espécie de lugar comum de professores, isso de exigir treino diário como exigiríamos de um atleta. Falo por mim mesmo, sem me comparar, que fique claro: sempre aspiro um retorno ao desenho, mas a cada vez que tomo um lápis ou pincel, e um suporte qualquer, a mão não obedece ao cérebro. Simplesmente há um descompasso entre a intenção e a ação. Aí vem a velha regra: tem que treinar, tem que desenferrujar, tem que exercitar. Isso tudo observado do ponto de vista mecânico, pois as ideias são contínuas e fluem generosamente, mesmo que eu não esteja habilitado para dar-lhes a feição material que elas demandam. Mas não é bem assim que acontece, pelo menos com alguns artistas.

Voltemos ao testemunho do fato notável: Alfredo voltou a pintar como se nunca houvesse parado! Lógico que a constatação demandou algumas considerações: pensei que ele tinha claramente elaborado o que pretendia fazer, e isso facilita a retomada. Pensei que a sua inegável maestria com os pincéis demandaria um período de ajuste, visto o

tempo considerável de inatividade. Mas não foi assim que aconteceu. Já o primeiro trabalho veio à luz de modo preciso e completo. Pensei que talvez fosse acaso, mas não era acaso: vieram outros tantos e, a cada vez, mais precisos e mais justos na difícil equação entre intenção e realização.

Tenho o privilégio de morar no mesmo prédio que ele, e isso permitiu mantermos a convivência em tempos de isolamento e conversamos sobre os trabalhos. Nessas conversas, estabelecida a evidência do retorno à pintura, especulei sobre os termos desse retorno: em que ponto ele retomaria a pintura? De imediato, o suporte nos reenviou para os *Papelões*, trabalhos dos anos 1987, 1988 e 1989. A ideia de superfícies decoradas (na falta de palavra melhor) lembrou os *Patterns* de 1984. As superfícies moduladas (quadrados, listras, círculos, ondas etc.) trouxeram à lembrança as *Cartas Enigmáticas*, de 1986. O tratamento requintado e minucioso da superfície pictórica remete diretamente à série de 1985, fortemente influenciada pelo pintor inglês Howard Hodgkin. Isso tudo do ponto de vista dos procedimentos e técnicas. Não citei ainda outros aspectos, como a apropriação como ponto de partida, o desenho rigoroso (e quase técnico) como base para a livre expansão das formas, a falsa rapidez das pinceladas em oposição à sua eficiência, a contradição entre o requinte da densa fatura e a simplicidade do suporte sem base. De inquietação em inquietação, fui me acostumando com o fluxo e

passsei a achá-lo natural. Um dia, decidi filmar. Pois foi então que observei atentamente o absurdo da destreza: ele, atento e concentrado, fazia o pincel deslizar com precisão cirúrgica sobre o papelão, traçando formas curvas e justas. Como assim? Como isso é possível? Não tenho resposta, só especulações. Certamente que a destreza é intrínseca àquele que exerceu, durante anos a fio, uma atividade manual. Existe, evidentemente, uma memória da mão e ela vem à tona assim que solicitada. É certo que a precisa relação entre o desejado e o realizado ocorre sempre que o desejado passou, mesmo que só mentalmente, pelas fases de planificação e projeção. Mas nada disso respondia à minha inquietação. Repito, não tenho respostas: continuo impactado com o que vi e com o que vejo.

Quero ainda comentar outro aspecto relevante dessa série e de suas estratégias. Se a série em si é notável, pela rapidez com que foi feita, pela excelência dos resultados e pela destreza (já comentada) da execução, a estratégia de compartilhar o processo é novo e surpreendente. Digo isso baseado na nossa longa convivência. Apesar de acompanhar de perto o surgimento e o desenvolvimento de muitos de seus trabalhos nestes anos todos, nunca tive acesso franqueado ao seu ateliê. O fazer sempre foi algo privado, não secreto, mas recolhido, discreto como o Alfredo é. Trabalhar nunca foi, para ele, um espetáculo a ser assistido. Vi séries inteiras acontecendo, e comentávamos muitos seus passos, mas nunca

o vi desenhando, pintando ou mesmo fazendo seus trabalhos com imagens fotográficas e de filmes. O compartilhamento era sempre a *posteriori* da ação em si. Quando ele me disse que iria compartilhar o passo a passo da série no WhatsApp, com um grupo de amigos e colegas, fiquei surpreso. Isso é realmente novo e representa mais do que uma simples iniciativa de, ao compartilhar seu trabalho, minimizar os efeitos do isolamento social a que estamos submetidos. Porque não é compartilhar trabalhos prontos, mas compartilhá-los em processo, em andamento. Desde a primeira marcação do suporte com os desenhos, as primeiras camadas de tinta, as supressões, os arrependimentos, os ajustes, as mudanças. Se isso já era notável, o compartilhamento foi aberto no sentido de que os privilegiados do grupo pudessem se manifestar a cada passo. Opiniões, palpites, críticas, observações técnicas, arroubos eruditos, ironias e comentários profundos — tudo acontecendo em tempo real: cada novo trabalho suscitava manifestações, que foram sendo incorporadas, em um diálogo prolífico e estimulante, no processo. Digo prolífico pois os trabalhos eram acompanhados atentamente e os novos eram esperados ansiosamente. Digo estimulante pois, mais do que um processo em aberto, foi um acontecimento frutífero para quem o acompanhou. Um privilégio baseado no respeito, na confiança e na admiração com que Alfredo nos contemplou.

A série está em aberto. O grupo continua ativo e a publicação do processo, em formato e-book, é outra ousadia do artista. Seremos todos expostos: os bastidores da criação exibidos desavergonhadamente para os olhos estrangeiros. Mas, repito, como amigo e como profissional da área, é um privilégio. Não será preciso, para essa série, correr atrás do famigerado processo de instauração. Ela está inteira aqui, passo a passo, com todas as marchas e contramarchas, com as dúvidas, as certezas, as opiniões e os palpites, as considerações técnicas, os desacordos, os acordos, com o humor e com a alegria de um acontecimento único. O testemunho e o registro de um feito.